

## RESUMO

**Autor:** Alessandro Teixeira Nóbrega (UERN)

Essa pesquisa compreende um estudo sobre os valores e ideais atribuídos a Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense. A imagem de Dix-Sept Rosado foi construída pela Coleção Mossoroense depois de sua morte e seu responsável foi Vingt-un Rosado, que ficou na direção da Coleção Mossoroense até 2006, ano de seu falecimento. Para o estudo da imagem que a Coleção Mossoroense atribui a Dix-sept Rosado, realizou-se uma análise do discurso das obras de e sobre Dix-sept Rosado na Coleção Mossoroense fundamentado em Bakhtin (1989) e Bourdieu (2000). Essa imagem construída pela Coleção Mossoroense, apesar de realçar em demasia as qualidades de Dix-sept Rosado tem como objetivo transmitir uma imagem de um personagem heróico, tem alguma relação com a realidade. Dix-sept Rosado foi um homem identificado com a sua localidade. Isso pode ensejar um nacionalismo regional, um certo bairrismo. As atitudes de Dix-sept Rosado devem ser compreendidas dentro do contexto social mais amplo, de uma época marcada pela política populista. Qualidades inclusive, apreciadas e desenvolvidas dentro de um contexto histórico específico e determinado nacional e localmente. A Coleção Mossoroense realça as qualidades de Dix-sept Rosado para que os políticos atuais da família Rosado possam estabelecer um elo de continuidade em suas práticas políticas contemporâneas.

Palavras-chaves: Dix-sept Rosado. Mossoró. Coleção Mossoroense.

## ABSTRACT

This research comprises a study on the values and ideals attributed to Dix-sept Rosado, by the *Coleção Mossoroense* journal. To make a study of the image attributed to Dix-sept Rosado, by the *Coleção Mossoroense*, through an analysis of the inherent discourse in the works by Bakhtin (1989) and Bourdieu (2000), of and on Dix-sept Rosado in the *Coleção Mossoroense* based on. The image of Dix-sept Rosado was constructed by the *Coleção Mossoroense* after its death, and the responsible for this was Vingt-un Rosado, which was the chief-editor of the *Coleção Mossoroense* up to 2006, year of its death. This image made by the *Coleção Mossoroense*, although when enhancing in surplus the qualities of Dix-sept Rosado have as objective to transmit an image of a heroic personage, it has some relation with the reality. Dix-sept Rosado was a man identified with its locality. This can resemble a regional nationalism. The attitudes of Dix-sept Rosado must be understood inside of a broader social context, of a time marked by the populist politics. Qualities also appreciated and developed inside of a specific historical context and determined both national and locally. The *Coleção Mossoroense* enhances the qualities of Dix-sept Rosado so that the current politicians of the Rosado's family can establish a link of continuity in its contemporary political practice.

Keywords: Coleção Mossoroense. Dix-sept Rosado. Mossoró.

## **DIX-SEPT ROSADO: HISTÓRIA, VALORES E POLÍTICA(1)**

### **INTRODUÇÃO**

Dix-sept Rosado é um dos personagens mais importantes da família Rosado e para a história da cidade de Mossoró. Esta importância, em grande parte, foi construída por Vingt-un Rosado através da Coleção Mossoroense. A imagem de Dix-sept Rosado é tão forte, evoca uma respeitabilidade e uma admiração unânimes entre seus familiares, a ponto de unir as diferentes facções em que se dividiu a família Rosado no seminário que comemorou 50 anos de seu governo e 90 anos de seu nascimento, em 2001.

Mas, afinal quem foi Dix-sept Rosado? Quais os seus valores? O que o torna um político tão singular para a história da cidade de Mossoró ou para a família dos Rosados?

Para responder a estas questões é importante observar a influência da educação de seu pai na formação de seus valores e a ideologia predominante em sua época, influenciadora de seus ideais.

### **ORIGEM DO NOME**

Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia foi o décimo sétimo filho de Jerônimo Ribeiro Rosado. Este veio a Mossoró em 1890 a pedido do líder político local Almeida Castro. Farmacêutico, constituiu a elite local em um período no qual a formação acadêmica era privilégio de alguns poucos. Somente três pessoas tinham curso superior em Mossoró naquela época, e Jerônimo Ribeiro Rosado era uma delas. Sabia falar vários idiomas, dentre eles, francês, latim e hebraico. Autodidata, aprendeu geologia acompanhando, como intérprete, os engenheiros que vinham a Mossoró para executar projetos do Governo Federal, e tal conhecimento levou-o à descoberta de minas de gipsita, o que, posteriormente, veio a ser a fonte de riqueza da sua família.

Progenitor de uma prole de vinte e um filhos (de dois casamentos), do terceiro filho em diante, começou a numerá-los. Provavelmente, de acordo com Felipe (2001), a influência da cultura francesa sobre a elite brasileira vai determinar a numeração dos filhos em francês. Quando o uso do francês não dava certo ou soava mal, apelava-se para o latim. Além disso, estes eram os idiomas do cotidiano entre médicos e farmacêuticos, devido ao fato de os manuais da farmacopéia brasileira serem os mesmos da francesa (FELIPE, 2001).

Batizando os filhos com o seu primeiro nome e as filhas com o primeiro nome da mãe, Jerônimo e Isaura respectivamente, o que caracterizava e diferenciava os filhos era justamente

a numeração. Este é o motivo por que Dix-Sept Rosado era mais conhecido, como seus irmãos, pelo numeral em francês. Apesar do inusitado, esse tipo de prática era muito comum à época:

[...] A prática generalizada até o final do século passado [a autora refere-se ao século XIX] favoreceu a tradição de fazer derivar do estoque de nomes pertencentes aos ascendentes diretos, do mesmo sexo, a atribuição tanto dos nomes próprios como dos sobrenomes de um indivíduo. Assim, os nomes próprios femininos tendiam a refletir os prenomes de ascendentes diretos femininos – mães, avós e bisavós. [...] Os homens, analogamente, derivavam seus nomes e sobrenomes de seus ascendentes paternos [...].  
[...] Visto que os estoques de nomes das famílias permaneciam normalmente muito limitados, a redundância, que podia induzir a confusão, era evitada pelo uso vernacular de acoplar apelidos estandardizados ao nome do proprietário [...] (LEWIN, 1993, p. 120 , 125 ).

Jerônimo Ribeiro Rosado já era homônimo do seu pai. No caso da família Rosado, não eram os “apelidos estandardizados ao nome do proprietário” que diferenciavam a prole de Jerônimo Ribeiro, mas o numeral. A formação de uma família extensa por Jerônimo Ribeiro é analisada posteriormente.

## **UMA EDUCAÇÃO PARA A LIDERANÇA ILUMINISTA**

De acordo com Felipe (2001), os Rosado possuem uma característica singular: a educação dada por Jerônimo Ribeiro Rosado aos seus filhos. Influenciados pelo Iluminismo europeu, estes foram educados para a política, mas com responsabilidade sobre o lugar. Uma educação para a formação de uma elite política, mas com sentimento de retorno, dever, obrigação com o lugar ou o povo de seu lugar; um certo iluminismo.

[...] Educação e civilização para ‘seu’ Rosado, eram atributos de humanidade que ele tentava passar aos outros e aos filhos, através da prática cotidiana. Educar pela civilidade, pelo respeito aos outros, trazendo todos para uma socialidade. Uma escola do cotidiano, marcada pela presença, a vizinhança, a cooperação, uma emoção de fidelidade à cidade, como se essa prática cotidiana fosse a grande tarefa e o destino a ser afrontado. A cidade como símbolo, vai cimentar essa socialidade, talvez venha por contaminação de outro elemento fundador – família [...] (FELIPE, 2001, p.74).

Nesta passagem, nota-se claramente o caráter humanista do Iluminismo centrado na cidade. Ferreira (1989) também atesta um grande movimento cultural em Mossoró, inclusive com forte influência européia, o que fortalece a idéia da influência do Iluminismo na educação que Jerônimo Ribeiro transmitia aos seus filhos.

[...] Essa concentração de capitais cria uma burguesia comercial que produz uma cultura faustosa e refinada, extremamente cosmopolita. Através dos navios chegavam os melhores tecidos da Inglaterra e França [...]. Mossoró recebe as grandes companhias teatrais européias, tenores italianos, barítonos, que realizam gloriosas temporadas. Clássicos da literatura chegavam em caixões ao 'Porto de Mossoró', formavam-se grandes bibliotecas individuais. Junto com os artigos manufaturados, os navios faziam chegar fragmentos de comportamento, detalhes do modo de vida, aspectos de uma cultura que fazia eco principalmente junto aos imigrantes estrangeiros, mas que se espalhava por toda a comunidade de negócios. Resulta daí não apenas o farfalhar das sedas e tafetás francesas e inglesas, mas também uma dinâmica cultural atípica na região. Esse cosmopolitismo pode ser expresso, por exemplo no fato de que, do final do século passado [a autora está se referindo ao século XIX] para o início do atual, havia em Mossoró cerca de 100 pianos [...] (FERREIRA, 1989, p.55).

O movimento cultural era intenso na cidade, e as idéias européias pareciam circular livremente e com bastante intensidade. Neste ambiente, a formação de uma concepção liberal de forte influência iluminista é extremamente provável, mas é preciso problematizar essa influência na educação dos filhos de Jerônimo Ribeiro.

Holanda (1998), no seu estudo sobre a formação social do Brasil, chama a atenção para o fato da influência da cultura ibérica, em particular, no Brasil da cultura portuguesa, que correspondeu, na política, ao liberalismo que o autor chamou de ornamental.

A elite colonial brasileira, prossegue o autor, foi influenciada pela burguesia lusitana, que tinha aspirações e atitudes da nobreza, à qual desejava equiparar-se, desfazendo-se, assim, dos ensejos de formar uma mentalidade específica, como nos outros países europeus, onde a burguesia teve que lutar contra a monarquia feudal.

Desse modo, a elite brasileira, conforme Holanda (1998, p.160), tratou de acomodar “[...] onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas [...]”. E assim conclui: os movimentos brasileiros “aparentemente reformadores” foram, na verdade, impostos de cima para baixo pelos grupos dominantes, providos do desejo de negar uma autoridade incômoda.

Portanto, esses valores liberais da educação de Jerônimo Ribeiro, pelos quais educava os seus filhos, precisam ser compreendidos dentro do contexto das relações sociais vigentes em sua época. O liberalismo europeu foi diferente do brasileiro. Inclusive, muitas vezes, este era bem contrário aos seus princípios de origem européia (2).

A educação dos filhos de Jerônimo Ribeiro Rosado, de acordo com Felipe (2001), tem a cidade como símbolo, e esta característica tem maior importância no estudo aqui pretendido.

[...] Essa missão aparece como um outro 'altar' cuja adoração é a cidade de Mossoró. Sua participação política [de Jerônimo Ribeiro] [...] ajusta-se aos compromissos com o amigo e líder político Almeida Castro e à fidelidade à cidade e às imagens para o seu desenvolvimento [...] (FELIPE, 2001, p.72).

Esta educação tinha o sentimento de respeito e amor à cidade, mas também é possível notar, nessa passagem de Felipe, que Jerônimo Rosado, quando chega a Mossoró, já encontra as imagens, as representações sociais que se tornariam tradicionais lá – isto será explorado mais adiante.

Esses valores comportamentais de reconhecimento do lugar não foram característica apenas de Mossoró. No contexto da época, início da República, era comum a elite local tentar integrar o lugar, a sua localidade, a região à nação. Felipe (2001, p.68) chama atenção para isso quando escreve:

[...] Mossoró, naquele final de século [o autor refere-se ao século XIX], assim como outras cidades brasileiras, vive com o advento da República um novo papel que se fundamenta na implantação de uma nova ordem burguesa, que procura adequar as idéias republicanas ao seu projeto racionalizador, onde a cidade aparece como signo de progresso e de modernidade [...]

Esses valores são comuns à época e caracterizam o que Albuquerque Júnior (1999) define como uma vertente do pensamento regionalista brasileiro.

## **A VISÃO REGIONALISTA DA ÉPOCA**

Albuquerque Júnior (1999) divide o olhar regionalista entre o velho regionalismo, que olhava para o espaço brasileiro como natureza e tropicalidade exótica, colocando o meio ao lado da raça como fatores determinantes para o atraso da sociedade e da cultura brasileira (antropogeografia), caracterizando-se pelo apego às questões locais.

O velho olhar regionalista, conforme Albuquerque Júnior (1999), é de um discurso naturalista, ou seja, explica as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio e da raça (biotipologia) (3). As variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças culturais e políticas entre as regiões. O pensamento naturalista formou um tipo de visibilidade e dizibilidade do país.

O velho olhar regionalista formava uma imagem homogênea das regiões, não se atentando para as diferenças internas de práticas, histórias e costumes. Descreviam-se

aspectos ou costumes de um Estado ou de uma área e apresentava-se como se fossem de toda uma região.

O discurso do olhar do velho regionalista vai destacar os elementos culturais raros que estariam em vias de extinção devido ao progresso (espaços de saudade).

O Nordeste, por exemplo, segundo Albuquerque Júnior (1999), vai surgir como reação às estratégias de nacionalização, como reação à perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão. Constrói-se uma realidade político-cultural através de símbolos, tipos, fatos que reagissem à dissolução trazida pelo que designaria a nação. Traçam-se novas fronteiras para a defesa da dominação ameaçada. É uma reterritorialização simbólica. Assim, levantam-se as características de sua natureza, da história econômica e social da área, elabora-se uma memória social, cultural e artística para servir de base à reterritorialização.

O velho olhar regionalista, portanto, pode-se concluir desta exposição de Albuquerque Júnior (1999), é uma visão tradicionalista: quer manter a tradição, o espaço do jeito que está, reagindo às mudanças, ao progresso capitalista, mantendo o espaço onde predominam reagentes às mudanças que minam o seu poder.

Entretanto, Albuquerque Júnior (1999) anuncia ainda o surgimento de um novo olhar regionalista. Esse novo discurso regionalista surge à medida que se dava a construção da nação e que a centralização política, segundo o autor, conseguia se impor sobre a dispersão anterior, a idéia de pátria, entendida enquanto Estado-nação, e vai aos poucos se impondo com reação aos diferentes pontos do país.

O novo olhar regionalista busca o agrupamento em torno de um espaço maior diante das mudanças que destruíam as espacialidades tradicionais. O espaço perdia, cada vez mais, sua dimensão natural para se tornar uma dimensão histórica, construída pelo homem. O crescimento das cidades, a rapidez dos transportes e das comunicações acelerava a “desnaturalização” do espaço. A geografia entra em ruína – diz Albuquerque Júnior (1999).

O regionalismo é visto como a primeira forma de manifestação da consciência nacional, em um estágio que deveria avançar para a consciência brasileira. Este novo olhar, de acordo com Albuquerque Júnior (1999), tenta integrar o elemento regional a uma estética nacional, mas trata-se de uma relação regionalista porque se alimenta do regionalismo localista. Ele apenas reelabora o fator regional, mas não o abandona. É uma tentativa de unificar o espaço do país a partir da valorização regional. O novo olhar regionalista incorpora o elemento regional a uma visibilidade e dizibilidade nacionalista, mas superando a visão exótica e pitoresca naturalista.

Mota (1994), em seu estudo historiográfico sobre a produção do conhecimento em história no Brasil, também se refere a um período de contestação à historiografia da elite oligárquica, a qual, de acordo com Mota (1994), era empenhada na valorização dos feitos dos heróis da raça branca (heróis-civilizadores locais) e representada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1838). É um período de crise da oligarquia, afirma o autor.

A visão da oligarquia, segundo Mota (1994), é uma perspectiva mitológica e bandeirista, típica do Instituto Histórico, ou de orientação factualista, como do positivismo de Seignobos. Uma concepção aristocrática de cultura e patriarcal da organização social e da produção cultural.

Segundo Albuquerque Júnior (1999), o melhor exemplo do novo olhar regionalista é Gilberto Freyre, porém, também tradicional porque ele tenta integrar o país com as suas diferenças apontando para um convívio harmonioso. Assim, acaba mascarando as diferenças de classes, as lutas sociais por interesses divergentes, os movimentos sociais de grupos, classes, etc.

Essa concepção é semelhante à de Mota (1994), o qual afirma que questionadores como o autor de *Casa Grande e Senzala* cristalizavam a ideologia da cultura brasileira. Esta era uma visão senhorial do mundo, de teses universais demasiadamente genéricas, como o da democracia racial e do luso-tropicalismo, no qual se perpetua a noção de cultura brasileira e encobre-se o problema das relações de dominação no Brasil. O eruditismo e o bem escrever constituem o revestimento do ensaísmo social característico dos filhos das oligarquias regionais.

Segundo Mota (1994), neste discurso, as contradições reais do processo histórico-social, as classes e os estamentos em seus dinamismos específicos e seus conflitos e desajustamentos no sistema social global são eliminados. Apesar de trabalhar com categorias como os senhores e escravos, não são as classes que comandam o processo. O autor afirma que formulações como esta tendem a vincular o conhecimento que se tem das esferas populares à ótica do senhoriato.

Nesse sistema ideológico, vincula-se com certa facilidade e até perfeição a cultura popular com a aristocrática. A cultura funcionaria como fator de integração, e não de resistência.

Conforme Albuquerque Júnior (1999), o regionalismo de Gilberto Freyre foi marcado pela emergência da nação. Seu regionalismo buscava uma unidade nacional a partir da observação profunda de suas partes fragmentadas. Afirmava-se a diversidade reivindicando a volta ao passado, não uma diferença criativa, mas conservadora. Buscava-se a tradição como

dado museológico e folclórico a ser preservado. O pensamento freyreano radica a nacionalidade na tradição e considera o seu regionalismo moderno (apenas na mudança de forma), mas não modernista (reificação de um instante da modernidade).

Para Freyre, de acordo com Albuquerque Júnior (1999), a nação deve se constituir como um pacto harmônico entre regiões que estabelecem sua realidade, devendo garantir a preservação dos seus espaços diferenciados e da dominação que neles se exercem. A diferença está submetida à lógica da identidade: uma situação momentânea de afastamento que deve ser superada por uma nova identidade que refaça o equilíbrio.

Essa visão regionalista que objetivava integrar-se à nação parece mais próxima ao pensamento de Jerônimo Ribeiro Rosado:

[...] Jerônimo Rosado desenvolve uma ética, que incorpora uma sensibilidade coletiva movida por uma ‘aura’ progressista, uma ‘vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter continuidade, através da mudança’ (SANTOS, 1996, p. 262). Daí a sua rápida apreensão da cidade, dos seus emblemas e imagens, um olhar no passado, para através da memória da cidade, dessa alma urbana captada, definir continuidades.

A consciência de que o passado participa através de diversas combinações das mudanças que devem ocorrer no lugar, principalmente se esse lugar e os seus fundadores, construíram imagens de um ‘sonho econômico’, que Jerônimo Rosado percebe que se mantém com força na maçonaria e nas aspirações dos comerciantes e industriais salineiros.

Já encontra, portanto, uma sociedade com sua ‘trama de significações para representar a si mesma’ (SOUZA, 1997, p.78). Uma configuração geográfica resultante da produção histórica de uma memória que é mais do que um olhar no passado, pois ela contém sonhos e projetos não realizados e a tarefa dos construtores do futuro é retomá-los juntamente com os desafios para torná-los realidade.

O passado da cidade e as imagens produzidas pelos comerciantes oferecem os elementos para a realização dos eventos. Jerônimo Rosado tinha vivência para descobrir esse conteúdo social [...].

A esses eventos e imagens gerados na busca das suas realizações, ou o culto aos heróis desse passado glorioso, somam-se à fidelidade ao lugar, uma ética de responsabilidade civil que caracterizava as elites desse momento histórico.

Jerônimo Rosado, portanto, se ‘nacionaliza mossoroense’ quando percebe que a história da cidade contém forças que vão condicionar o presente e o futuro dessa sociedade. Da mesma forma, absorve o ‘sonho econômico’ e sua mitologia progressista [...] (FELIPE, 2001, p.76).

Nesta imagem por Felipe (2001), não só se encontra semelhança com o pensamento regionalista nacionalista, como também traços do que viria a ser a Coleção Mossoroense.

A centralidade da imagem na cidade integrando-a à nação é típica da visão regionalista. Constrói-se uma identidade particular da cidade, mas sem se esquecer de seu pertencimento à nação. Os valores, os sentimentos de pertencimento e de identidade da cidade

assemelham-se aos de um país, mas essa identidade tão forte com o lugar não conduz à ruptura com a nação, apenas reforça os laços sociais de identidade dos membros do lugar.

O compromisso de Jerônimo Ribeiro com a cidade está baseado em realizar mudanças sem promover rupturas com a continuidade do poder local. Felipe (2001) aponta que o patriarca tinha possibilidades intelectuais de perceber que as imagens mitológicas existentes na tradição cultural da cidade tinham força entre sua classe dominante, mas também nas camadas populares.

A Coleção Mossoroense, como se destacará mais adiante, não inventou tradições, mas trabalhou com as existentes, redimensionando-as ou utilizando-as conforme os interesses dos seus editores. As festas e imagens da cidade já existiam anteriormente a Jerônimo Ribeiro e à Coleção Mossoroense, a diferença é a forma com que eles (re) trabalham essas representações sociais.

## **A FORMAÇÃO DE UMA OLIGARQUIA POLÍTICA**

Uma família numerosa como a de Jerônimo Ribeiro Rosado era muito comum no Brasil do período que ficou convencionado chamar de República Velha. Mas, antes de apenas significar cultura, nas classes dominantes, tinha também um significado político.

Lewin (1993, p.113) faz um estudo sobre a base familiar da oligarquia paraibana do período da República Velha e afirma que “[...] o pertencer a uma parentela, uma família extensa, constituía a sua mais importante afiliação organizacional [...]”. Assim, existia uma vinculação estreita entre parentesco e política (4).

Este poderia ter sido também o ensejo de Jerônimo Ribeiro na formação de uma família extensa, uma parentela. Medeiros (apud FELIPE, 2001, p.72) afirma que:

[...] os filhos numerados não eram peças isoladas, eram partes de um conjunto, elos de uma corrente [...] Numerando-os, transmitia-lhes a idéia da indivisibilidade, do entrelaçamento e de união. União verdade simbolizada na corda de nós, que circunda nosso universo maçônico, transferida para a construção moral dos seus filhos [...]

Este entrelaçamento (união, indivisibilidade) poderia facilmente funcionar como uma política de parentela, formando uma oligarquia política semelhante à que Lewin (1993) analisou na Paraíba.

Apesar de a autora analisar a Paraíba, ela ressalta que, mormente a existência da variedade regional particular da organização das oligarquias, o sistema político de base familiar baseava-se em características da organização brasileira de parentesco. Deste modo, não seria nada estranho encontrar semelhanças na família Rosado.

#### A família extensa compreendia

[...] o grupo de descendência bilateral de um indivíduo, incluindo os ascendentes maternos e paternos e os descendentes lineares de várias gerações. Dela faziam parte também os colaterais consangüíneos – tias e tios ou sobrinhos e sobrinhas. Pertencia ainda à família extensa, entretanto, uma numerosa população de parentes não consangüíneos: [...] incorporados nos seus limites os parentes afins, ou ingressos na família através dos casamentos, e os pretensos parentes, nela incluídos através de uma relação ritual (compadrio cerimonial) ou de uma relação de adoção (o criado na família, assim reconhecido civil ou costumeiramente) [...] (LEWIN, 1993, p.117).

Lewin (1993) utiliza o termo parentela porque o parentesco consangüíneo abarca apenas os parentes consangüíneos matrilineares e patrilineares. Portanto, o conceito de parentesco consangüíneo é mais limitado do que o termo parentela. Inclusive, com referência à organização política, o conceito de parentela torna-se mais próximo da realidade uma vez que, além do parentesco consangüíneo, inclui também o parentesco por afinidade e os parentescos rituais.

Portanto, poder-se-ia inferir que Jerônimo Rosado, ao formar uma família extensa, com uma cultura de valorização do lugar (cidade), tinha a possibilidade de formar uma oligarquia local.

Uma das diferenças fundamentais que existia entre a oligarquia de base familiar analisada por Lewin (1993) na Paraíba e a oligarquia que vai se formando por Jerônimo Ribeiro Rosado consiste no fato de que a parentela da Paraíba compreendia não só uma rede de parentes, mas também amigos dos membros políticos da família.

Esses amigos que se vinculavam de maneira personalística aos membros da parentela eram responsáveis por organizar o eleitorado localmente para fornecer os votos, defender “[...] os interesses partidários em seu município natal e o serviam lealmente nos cargos políticos de que fossem detentores ou nos postos do serviço público em que ingressavam por nomeação [...]” (LEWIN, 1993, p.113). Era uma organização familiar de descendência “amblinear”. Ou seja, estabelecia-se a descendência a partir do sobrenome de um ou ambos os pais, mas com uma grande flexibilidade a ponto de permitir uma afiliação de linhagem com base na escolha pessoal, seja individual ou até familiar (LEWIN, 1993).

Enquanto a organização familiar da oligarquia paraibana analisada por Lewin (1993) é caracterizada como de descendência “ambilinear”, a família Rosado possui uma organização familiar mais próxima da caracterizada pela autora como de descendência bilateral ou cognata: “[...] os indivíduos a estabelecem através de ambos os pais [...]”(LEWIN, 1993, p.119) e não está aberta à afiliação de linhagem com base na escolha pessoal.

[...] a tendência dos nomes e sobrenomes refletirem o gênero do portador e de seus ascendentes diretos por muitas gerações predominou até pelo menos 1850, mas tornou-se muito menos pronunciada na época da República Velha. No início deste século, assumiu gradualmente a predominância um paradigma puramente bilateral, reunindo os sobrenomes de ambos os pais para formar um sobrenome comum para todos os filhos, independentemente do sexo [...] (LEWIN, 1993, 121).

Não se está negando aqui a possibilidade de a família Rosado manter relações de compadrio, membros leais que lhes organizem o eleitorado e que lhes sirvam nos cargos políticos indicados por eles, mas a diferença é que estes membros não são tidos como integrantes da família, ao que parece chamar a atenção Lewin (1993) na organização da família oligárquica paraibana.

## **A IMPORTÂNCIA DE DIX-SEPT**

A presente pesquisa pretende determinar quais os valores e ideais atribuídos à imagem de Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense. Mas, por que se escolheu Dix-sept Rosado como objeto de pesquisa?

Primeiro, devido a sua projeção política. Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, filho de Jerônimo Ribeiro Rosado, avançou na atividade política sendo eleito prefeito de Mossoró em 1948 e, “[...] em 1950, foi eleito em campanha memorável, governador do Estado do Rio Grande do Norte [...]” (5).

Uma trajetória política meteórica, portanto, considerada de grande realização política.

A eleição de Dix-Sept Rosado para governador do Estado é considerada, até hoje, uma eleição de campanha memorável, porque a diferença de votos adquiridos por ele em relação ao seu adversário, proporcionalmente, permanece a maior das eleições do Rio Grande do Norte: 18,9%.

## ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO NORTE EM 1950

CANDIDATO	VOTOS	%	OS VÁLIDOS	%
Dix-Sept Rosado	101.690	57,8	101.690	59,8
Manoel Varela	68.448	38,9	68.448	40,2
Votos brancos	4.037	2,3	-----	-----
Votos nulos	1.802	1	-----	-----
TOTAL	175.977	100	170.138	100

Fonte: Galvão (1982, p.38).

Duarte (2002, p.06) refere-se à campanha do citado adversário como uma “campanha sem perspectiva de vitória”. Soares (2001, p.09), mencionando a campanha, escreve:

“[...] Foi uma campanha inesquecível, inovadora. Jamais se vira *jingles* em campanhas passadas, e o povo embalou com a candidatura de Dix-sept, com uma participação entusiástica e memorável. Num universo de 100.000 votos, Dix-sept obteria uma incrível vitória de 33.000 votos de maioria! [...]” **grifos do original.**

Dix-sept Rosado morreu, após 5 meses de governo, em um acidente de avião no Estado de Sergipe. Sua morte trágica e prematura tornou-o ícone na região. A Câmara Municipal de Mossoró, em 1951, através da Lei 16/51, batizou um povoado com o nome de Governador Dix-sept Rosado. E, em 4 de abril de 1963, através da Lei 2878, o povoado elevou-se à condição de município do Rio Grande do Norte (6). Portanto, além da projeção política, seu fim trágico o estabeleceu como um mártir na cidade.

A morte de Dix-sept é um dos pontos altos na construção simbólica de sua imagem pela Coleção Mossoroense, ao tratá-lo como um sacrifício em prol do povo, da gente pobre da cidade. Ao que Felipe (2001) irá identificar como a “saga dos Rosados”.

Outro motivo para escolhê-lo como objeto da pesquisa, dá-se porque, em 1948, de acordo com Felipe (2001), foi Dix-sept Rosado que montou uma equipe política entre a família para perpetuar a influência dos Rosados na região. Uma

[...]’equipe funcional’, uma divisão do trabalho político entre os irmãos, fortalecendo essa estrutura de base que é a família. Num primeiro momento, que é o definido por Dix-sept, Vingt Rosado (farmacêutico), que já era vereador e manteria a coordenação desse poder local (Vingt foi 2 vezes vereador [...]); Dix-huit Rosado (médico), que era deputado estadual, seria o parlamentar do grupo (Dix-huit foi deputado estadual – 1 mandato –, deputado federal – 2 mandatos –, senador – 1 mandato [...]).

Vingt-Un (agrônomo), Dix-Neuf e Duodécimo compunham o sustentáculo financeiro do grupo, cuidando das empresas da família (gesso, sal e oficinas retificadoras de motores), mas Vingt-un exerceria também uma outra função, a de intelectual do grupo e homem ligado à educação que propõe, através dos livros publicados pela Coleção Mossoroense, ‘esculpir a história da cidade’ [...] (FELIPE, 2001, p.93).

Portanto, Dix-sept Rosado é o idealizador de uma organização familiar que irá culminar no surgimento da Coleção Mossoroense por Vingt-un Rosado, e o homem dessa família que alcançou o posto mais alto no Estado através de sua projeção política de ascensão súbita.

Esta coleção transformou sua morte em uma idéia de sacrifício pelos valores, ideais e engrandecimento do nome da cidade de Mossoró. Isto é um dos princípios fundadores da “Saga dos Rosados” (FELIPE, 2001, p.104).

A perda não sugeriu o fim nem a sua substituição, mas a continuação pelos sucessores de sua família dos ideais, projetos políticos e valores de Dix-sept (IBDEM, p.105).

É importante notar também que é Vingt-un Rosado o responsável pela Coleção Mossoroense, portanto, também responsável pela imagem de Dix-sept construída por esta Coleção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem de Dix-sept Rosado em muito se deve ao trabalho desenvolvido por Vingt-un Rosado à frente da Coleção Mossoroense.

Dix-sept Rosado não pode ser considerado como essencialmente um político populista. Ele tinha diferenças até com os próprios políticos identificados localmente com as idéias populistas. Por isso que sua viagem para o Rio de Janeiro tinha como objetivo apaziguar os ânimos entre, inclusive, os políticos identificados localmente como populistas alinhados a Café Filho.

Esta situação, que desagradou até os seus aliados, pode aparentar o seu norteamento político com um pragmatismo pessoal mais do que com as idéias populistas. Mas, isso é só aparência. O que norteava Dix-sept Rosado não era um pragmatismo pessoal.

O que o marcava, ou seja, sua característica singular não era a sua identificação com as idéias populistas. Antes das idéias populistas, são os seus valores familiares que o tornam singular, pois foram ensinados por seu pai, Jerônimo Ribeiro Rosado.

É essa identificação com a localidade que faz Dix-sept Rosado ensejar um nacionalismo regional, um certo bairrismo. Cumprimentar a todos da cidade, visitar o mercado público, isto o tornava carismático e, portanto, popular. Essa identificação com a localidade o fez parecer identificado com os populares.

No contexto social mais amplo, a identificação dessas atitudes com o populismo e, por consequência, como um político progressista, dinâmico, inovador, carismático e popular, deu-se por força da época. A inserção popular lhe resultou na característica de “condutor de multidões”. Ele foi tudo isso, mas dentro de um contexto histórico determinado, não por características pessoais ímpares.

Todas essas características o aparentam como um político populista. Mas, na realidade, antes de um político populista, Dix-sept Rosado é identificado com um lugar, um nacionalismo regional, um dever com a cidade em que se estabelece. O populismo apenas foi uma forma de fazer política que casou com suas ações.

Um homem de qualidades singulares, decerto, mas um homem. Não um personagem heróico, mitológico, de características excepcionais. Mas qualidades, inclusive, apreciadas e desenvolvidas dentro de um contexto histórico específico e determinado nacional e localmente. Este é o Dix-sept Rosado.

## NOTAS

1. Este artigo é uma adaptação de um capítulo de uma dissertação sobre Dix-sept Rosado na Coleção Mossoroense defendida no Programa de Pós-graduação em História da UFRN.
2. Não foi objetivo aqui realizar uma discussão sobre as características da educação liberal que, em conflito com os ideais liberais europeus, Jerônimo Ribeiro Rosado transmitiu aos seus filhos. Apenas se chama a atenção para a necessidade de contextualizar os conceitos ou caracterizações conforme a época, observando as nuances de diferença que os tornam singulares.
3. Neste trabalho de Albuquerque Júnior (1999), observou-se que o autor não chama a atenção para a diferença entre as duas correntes da geografia naturalista: a determinista e a possibilista. Diante disto, leitores desatentos podem não perceber a diferença. Enquanto a corrente naturalista determinista refere-se aos espaços como reflexo imediato da natureza e da biotipologia, a corrente naturalista possibilista destaca os elementos culturais na determinação dos espaços.
4. A autora faz uma ressalva sobre a utilização do termo parentela como sinônimo de família extensa para o caso brasileiro: “[...] O termo parentela é aqui usado de maneira intercambiável com família extensa, embora Maria Isaura Pereira de Queiroz tenha sublinhado uma importante nuance ou diferença entre a realidade brasileira e o que os antropólogos usualmente querem significar quando utilizavam aquela última expressão. Geralmente, a expressão família extensa aplicava-se a várias gerações de famílias nucleares vivendo numa residência compartilhada. [...] Embora, entre os membros da elite proprietária de terras no Brasil, a família extensa incluísse várias gerações de parentes lineares e colaterais, ela costumava distribuir-se por um certo número de residências situadas em propriedades diferentes. [...] Como observa essa autora, a parentela é menos restritiva, espacialmente no Brasil, do que na maioria dos contextos comumente estudados. [...] O fato de este padrão de proximidade residencial poder ser aproximado de uma forma atenuada de família extensa circunscrita residencialmente é uma outra razão pela qual a expressão família extensa foi mantida neste estudo, sendo usada como sinônimo de parentela [...]” (LEWIN, 1993, p.116).
5. NATALTRIP. **Nossa terra:** Governador Dix-sept Rosado. Disponível em: [http://www.nataltrip.com/cidades/governador\\_dix-sept\\_rosado](http://www.nataltrip.com/cidades/governador_dix-sept_rosado), acessado em 07 de fevereiro de 2005.
6. Ibidem.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. Recife: Cortez, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Tradução de Michel Lahud e Iara Frateschi Vieira.

BARBOSA, Rosemary Evaristo; OLIVEIRA, Maria Angélica de; LUCENA, Ivone Tavares de (orgs). **Análise do discurso**: das movências de sentido às nuanças do (re)dizer. João Pessoa: Idéia, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

DUARTE, Arita Salem. **Eu também não esqueci**: recordando fatos políticos com os amigos. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2096).

FELIPE, J. Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar**: os Rosados e o “país de Mossoró”. João Pessoa-PB: Grafset, 2001.

FERREIRA, Brasília Carlos. **O sindicato do Garrancho**. São Paulo: Fundação Vingt-un Rosado, 1989. (Coleção Mossoroense, série C, n. 182).

GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado**. Mossoró: ESAM, 1982. 115p. (Coleção Mossoroense, série C, n. 189).

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba**: um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro: Record, 1993.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**: pontos de partida para uma revisão histórica – 1933 a 1974. 8.ed. São Paulo: Ática, 1994. 303p.

NATALTRIP. **Nossa terra**: Governador Dix-sept Rosado. Disponível em: <http://www.nataltrip.com/cidades/governador-dix-sept-rosado>, acessado em 07 de fevereiro de 2005.

SOARES, Carlos Ernani Rosado. **Dix-sept Rosado**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2001. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2031).